

Concebendo a liberdade



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

EUCLIDES DE MESQUITA NETO – IARA LIS FRANCO SCHIAVINATTO
MAÍRA ROCHA MACHADO – MARIA INÊS PETRUCCI ROSA
OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR. – RENATO HYUDA DE LUNA PEDROSA
RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Camillia Cowling

Concebendo a liberdade

MULHERES DE COR, GÊNERO E A ABOLIÇÃO
DA ESCRAVIDÃO NAS CIDADES DE
HAVANA E RIO DE JANEIRO

TRADUÇÃO

Patrícia Ramos Geremias
Clemente Penna

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

C839c Cowling, Camillia.

Concebendo a liberdade: mulheres de cor, gênero e a abolição da escravidão nas cidades de Havana e Rio de Janeiro / Camillia Cowling; tradução: Patrícia Ramos Geremias, Clemente Penna. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

1. Escravas – Rio de Janeiro. 2. Escravas – Havana. 3. Relações raciais – História – Brasil – Séc. XIX. 4. Relações raciais – História – Cuba – Séc. XIX. I. Geremias, Patrícia Ramos. II. Penna, Clemente. III. Título.

CDD - 306.362098153
- 306.36209729123
- 301.4510981
- 301.451097291

ISBN 978-85-268-1461-5

Título original: *Conceiving Freedom: Women of Color, Gender, and the Abolition of Slavery in Havana and Rio de Janeiro*

Copyright © 2013 by The University of North Carolina Press

Published in the Portuguese language by arrangement with the University of North Carolina Press, Chapel Hill, North Carolina, 27514 USA – www.uncpress.unc.edu

Copyright © 2018 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Aos meus pais, Mark e Amani Cowling,
com amor e gratidão.

Agradecimentos

Todo livro é uma jornada; este, em particular, implicou uma série delas. Tive a sorte de poder contar com uma dose considerável de ajuda ao longo do caminho. Escrever os agradecimentos é a oportunidade que temos de lembrar que, embora a pesquisa consista muitas vezes em uma longa e solitária estrada, nós a percorremos em ótima companhia.

Minhas viagens me levaram a arquivos e bibliotecas enriquecedores. Gostaria de agradecer aos funcionários de todos esses lugares. Faço um agradecimento especial a Julio López e seus colegas do Arquivo Nacional de Cuba, que, apesar das dificuldades técnicas diárias, trabalham duro para manter aberto ao público esse arquivo maravilhoso; a Sátiro Nunes, do Arquivo Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro, e a Manuel Martínez, da Biblioteca Lázaro, Recinto Río Piedras, da Universidade de Porto Rico.

Antes que eu pudesse fazer as malas, foi preciso encontrar apoio financeiro e institucional. As instituições a seguir me proporcionaram importante apoio acadêmico: o Caribbean Studies Center, da London Metropolitan University, Reino Unido; o Cuba Research Forum, da Universidade de Nottingham, Reino Unido; o Instituto de Estudios del Caribe, Recinto Río Piedras, da Universidade de Porto Rico; a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a Faculdade de História e Filosofia da Universidade de Havana. Tive a sorte de receber apoio financeiro do Institute for the Study of Slavery, da Universidade de Nottingham, e duas bolsas de pesquisa consecutivas do Leverhulme Trust, Reino Unido. Sou grata ao

auxílio financeiro adicional concedido pela School of History, Classics and Archaeology, da Universidade de Edimburgo, Reino Unido, e pelo Departamento de História da Universidade de Warwick, Reino Unido.

No Reino Unido, muitos estudiosos apoiaram, desde a sua concepção, o projeto que originou este livro. Tony Kapcia e Dick Geary foram meus mentores durante o doutorado e têm me oferecido suporte incondicional desde então. Tony leu diversas versões deste livro com paciência e bom humor incansáveis. Nancy Naro me encorajou desde o começo e gentilmente leu e comentou os manuscritos. Jean Stubbs impediu que eu desistisse no começo da jornada e, com a graça e a energia que lhe são características, me ajudou e me inspira desde então. Talvez um dia eu consiga entender como ela é capaz disso. Matthias Assunção, Manuel Barcia, Jane-Marie Collins, Catherine Davies e Gad Heuman me aconselharam e ajudaram de diversas maneiras. Diana Paton gentilmente leu os manuscritos e fez comentários bastante perspicazes.

No Rio de Janeiro, tive a sorte de conhecer um círculo acadêmico inspirador. Martha Abreu, Hebe Mattos e Mariza Soares permitiram que uma confusa jovem britânica, ainda lutando com a língua portuguesa, participasse de suas aulas no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF); elas também teceram comentários sobre minha pesquisa. Talvez a lição mais valiosa que aprendi durante as aulas de segunda-feira em Niterói foi o quão pouco eu sabia. Keila Grinberg compartilhou sua pesquisa comigo no momento em que cheguei ao Rio de Janeiro. Sidney Chalhoub (em Campinas) e Olívia Gomes da Cunha me acolheram e permitiram que eu discutisse minhas ideias em seus seminários. Sidney Chalhoub gentilmente leu os manuscritos e fez sugestões bastante úteis. É uma honra muito grande para mim que ele tenha aceitado escrever o Prefácio da presente edição. De São Paulo, Maria Helena Machado forneceu apoio e inspiração. No Rio, Bruno Cerqueira, Ivana Stolze Lima e Chico, Luiz Carlos Soares e Marília, e Eduardo Silva me ajudaram e encorajaram. Aprendi muito com as trocas que tive com um grupo dinâmico de jovens pesquisadores, entre eles Rodrigo Amaral, Robert Daibert Jr., Juliana Barreto Farias, Silvana Jeha, Moacir Maia, Iacy Maia Matta, Ynaê Lopes dos Santos e Giovana Xavier. Eu jamais teria conseguido aproveitar os

pontos positivos, ou suportar os pontos negativos da vida na *cidade maravilhosa* sem a amizade inesgotável de Denise Adell, Fabiana e Gustavo Brochado e Paulo Fontes.

Em Havana, recebi, em diferentes momentos, ajuda e conselhos de María del Carmen Barcia, Glória García, Oilda Hevia, Jorge Ibarra Cuesta e Ana Vera. Bárbara Danzie León me ofereceu seu apoio e sua amizade desde o primeiro dia no Arquivo Nacional de Cuba (ANC). María de los Ángeles Meriño Fuentes e Aisnara Perera Díaz compartilharam comigo seu tempo, suas pesquisas inovadoras e seu humor incorrigível. A família Salas e Chon me receberam em suas casas. Carlitos e Luisito me deram sua amizade e sua infinita generosidade. Jon e Eldy Curry-Machado, Felicidad Machado, Helen Marsden, Anna Russell e Miguel Salas me brindaram com sua amizade e me ajudaram no caminho entre Londres e Havana. Em outros lugares de Cuba, fui bem recebida nas casas, nos arquivos e nos museus por Urbano Martínez e Leo em Matanzas, por Olga Portuondo em Santiago de Cuba e por Hernán Venegas em Trinidad.

Os locais onde as histórias deste livro se passam são as cidades do Rio de Janeiro e de Havana, mas, durante a pesquisa, para a sua elaboração, acumulei débitos em muitos outros lugares. Em Porto Rico, meu muito obrigada a María del Carmen Baerga, Astrid Cubano, Jorge Duany, Humberto García e Gwyn Weathers, uma *boricua* de coração. *Doña* Ruth Torres e sua família me acolheram calorosamente. Na Espanha, beneficiei-me da amizade de Leida Fernández Prieto, enquanto Claudia Varella fez diversos comentários à minha pesquisa. Jessica Millward, Jeffrey Needell e David Sartorius gentilmente leram meus textos e me ajudaram na concepção de algumas das minhas reflexões. Dan Rood fez comentários valiosos a alguns capítulos deste livro, mas aprendi ainda muito mais com nossas longas conversas do lado de fora dos arquivos e bibliotecas de Havana e Madri. O humor mordaz, os olhos atentos de historiador e o enorme coração de Celso Castilho foram uma fonte constante de apoio e inspiração.

Com Jorge Giovannetti, eu e este livro temos uma enorme dívida de gratidão. Em muitas jornadas atlânticas e em muitos lugares fascinantes, ele me ajudou e foi de um entusiasmo inesgotável. Jorge e sua obra seguem sendo para mim uma fonte considerável de inspiração.

Os amigos no Reino Unido me deram conselhos através das ligações telefônicas internacionais, viajaram para me visitar e me hospedaram em suas casas por longos períodos. Mesmo de longe, eles me lembravam que o Reino Unido ainda é o lugar que eu posso chamar de “lar”. Eles ouviram pacientemente e por tanto tempo sobre este livro que provavelmente já tinham desistido de vê-lo impresso. Para Miranda Atkins, Nancy Campbell, Jo e Dan Friedland, Pru Hobson-West e Gavin White, Cat Kernot e Chris Bowman, Helen Mabelis e Alan Saunders, Mark Walton e Carinne Pieckema, meus sinceros agradecimentos.

Além de ter me levado a terras distantes, essa jornada me trouxe a novos lugares na Grã-Bretanha. Fui recebida no Department of Spanish, Portuguese e Latin American Studies da Universidade de Nottingham. Curti ótimas conversas e deliciosas comidas com Sarah Davidson e Helen Oakley, e levei inspiração e dores musculares com as aulas de Juliet Line e o grupo Capoeira Angola Nottingham. Em Edimburgo, tive o auxílio de colegas maravilhosos – especialmente Ewen Cameron, Martin Chick, Louise Jackson, Charlotte Hammond Matthews, Iona Macintyre e Paul Quigley – e de novos amigos; agradeço a Liz Cripps e Judith Mabelis.

Enquanto a primeira edição do livro em inglês saía, eu me juntei a um maravilhoso grupo de novos colegas do Departamento de História da Universidade de Warwick, e agradeço o apoio do departamento desde aquele momento. O manuscrito foi aprimorado graças à leitura cuidadosa e aos comentários atentos de dois pareceristas da University of North Carolina Press, Keila Grinberg e Christopher Schmidt-Nowara, *in memoriam*. Chris me deu muito apoio e me encorajou nas fases principiantes de minha carreira. Além de grande historiador, foi uma pessoa maravilhosa. Junto com muitos colegas e amigos, sinto muito sua falta. Meu muito obrigada a eles, a Elaine Maisner e à maravilhosa equipe da UNC Press, por terem contribuído para que este livro ficasse ainda melhor. Agradeço muito à equipe editorial da Editora da Unicamp por sua ajuda com a publicação da presente edição. Para mim, é um enorme privilégio ver meu livro publicado por uma editora cujos livros tanto me inspiraram e ensinaram durante muitos anos de aprendizagem sobre a história do Brasil. Agradeço, em particular, a Patrícia Ramos Geremias e Clemente Penna, historiadores

além de tradutores, por seu trabalho excelente com a tradução; a Lúcia Helena Lahoz Morelli, por suas revisões tão cuidadosas; e a Ricardo Lima, por seu apoio à publicação do livro.

Este livro é dedicado aos meus pais, Amani e Mark Cowling, que me ajudaram a dar meus primeiros passos nesta jornada. Eles me deram muito mais do que eu jamais poderia ter pedido. A resiliência e a generosidade deles diante de suas dificuldades me inspiraram a enfrentar meus próprios – e menores – desafios. Mark Cowling gentilmente leu e comentou os manuscritos. Sophie e Ralph Cowling sempre me ajudaram, adicionando doses de humor sempre que a situação ameaçava ficar séria demais.

As últimas fases dessa jornada foram muito felizes, pois foram compartilhadas com Emmanuel Olaiya. A ajuda vigorosa de Emmanuel tornou minha jornada mais leve, e sua gargalhada contagiante me alegrou o coração. Com ele ao meu lado, mesmo quando estou profundamente imersa no passado, aprendi novamente a ser corajosa no presente e ter esperança no futuro. Pouco depois da publicação original do livro, nosso filho Zachary nasceu. Desde então, ele me ofereceu a melhor e mais alegre distração possível da vida acadêmica.

Sumário

<i>Prefácio à edição brasileira</i>	15
<i>Nota prévia</i>	19
<i>Notas sobre a presente edição e sobre o câmbio</i>	21
<i>Introdução</i>	23

Parte 1

Gênero, legislação e escravidão urbana

1 – <i>Lugares de escravidão, espaços de liberdade. Escravidão e abolição nas cidades atlânticas de Havana e Rio de Janeiro</i>	57
2 – <i>A lei é definitiva, Excelentíssimo Senhor. Legislação escravista, gênero e a emancipação gradual</i>	97

Parte 2

Em busca da liberdade

3 – <i>Na condição de mãe e escrava. Legislação, jurisprudência e o discurso presente nas ações judiciais impetradas pelas mulheres</i>	137
4 – <i>Exagerado e sentimental? Gênero e abolicionismo no mundo atlântico</i>	173
5 – <i>Eu quero permanecer nesta cidade. Mapeando a busca das mulheres pela liberdade nas cidades</i>	215

Parte 3

Concebendo a liberdade

6 - <i>Esclarecidas mães de família ou criadas prendadas? A elite imagina os sentidos da liberdade</i>	261
7 - <i>Ela era agora uma mulher livre. As libertas e os significados da liberdade urbana</i>	297
8 - <i>Minha mãe era de ventre livre, ela não era uma escrava. Concebendo a liberdade</i>	335
CONCLUSÃO - <i>Josepha, Ramona e as histórias da abolição</i>	361
EPÍLOGO - <i>Concebendo a cidadania</i>	371
<i>Fontes e Bibliografia</i>	375
<i>Índice remissivo</i>	419

Prefácio à edição brasileira

Sidney Chalhoub

O livro de Camillia Cowling impressiona de imediato pelo escopo comparativo adotado, que acarretou a realização de pesquisa documental alentada em arquivos do Brasil e de Cuba, em especial no Rio de Janeiro e em Havana. Apesar do entendimento corrente na historiografia de que a história da escravidão no mundo moderno seja um tema de conexões atlânticas, ou até globais, devido à influência recíproca dos acontecimentos na África, na Europa e nas sociedades escravistas do continente americano, é raríssimo ver estudos que consigam comparar de forma densa as realidades históricas de sociedades escravistas diversas. Uma cousa é vincular processos políticos amplos e reparar nas conexões que os próprios contemporâneos faziam quanto ao destino das sociedades escravistas oitocentistas. Outra cousa, muitíssimo diferente, é escrever, de modo integrado, a história social da escravidão no Brasil e em Cuba.

Verdade que a possibilidade estava no ar havia bastante tempo. Leitores velhos do catálogo da Editora da Unicamp hão de lembrar do importante livro de Rebecca Scott *Emancipação escrava em Cuba*, traduzido e publicado no final da década de 1980. A leitura da obra de Scott à época deixou claro, para os estudiosos da escravidão brasileira, o quanto haveria a aprender numa comparação sistemática dos casos cubano e brasileiro. Em ambos, houve a experiência da emancipação gradual por meio de legislação que declarava livres as crianças doravante nascidas de ventre cativo (Lei Moret em Cuba, 1870; Lei do Ventre Livre no Brasil, 1871). Os legisladores bra-

sileiros acompanharam o debate a respeito do tema no que tange à colônia espanhola e tiveram nele referência crucial na elaboração da lei de 28 de setembro de 1871. Pois Camillia Cowling mostra agora, com pesquisa exaustiva, as conexões entre as *histórias sociais* da emancipação escrava gradual em Cuba e no Brasil.

Concebendo a liberdade está estruturado de maneira desafiadora, pois se pauta pelos temas abordados, evitando-se a alternância de capítulos dedicados a cada sociedade escravista, o que tornaria as intuições e hipóteses comparativas mais estanques. A respeito de cada assunto Cowling desliza de Havana ao Rio, do Rio a Havana, alinhavando as histórias de mulheres daqui e de lá, de maneira a demonstrar o que havia de comum à experiência delas na escravidão do continente americano. Aborda também as diferenças marcantes decorrentes do fato de que Cuba permanecia no estatuto de colônia, em estado de guerra pela independência em grande parte do período estudado, ao contrário do Brasil, que todavia teve também o episódio da Guerra do Paraguai como crucial na crise da escravidão.

Um grande mérito deste livro, no contexto da enorme e importante produção historiográfica sobre a escravidão brasileira, é o modo como traz o conceito de gênero para o centro da reflexão sobre o processo de emancipação. Há aqui interpretações preciosas sobre como o princípio de reprodução da escravidão pela condição do ventre da mãe – *partus sequitur ventrem* – adquiriu sentidos políticos diversos e foi apropriado diferentemente por vários sujeitos históricos ao longo do tempo. A crítica à escravidão no Oitocentos foi bastante marcada pela imagem cada vez mais inaceitável da separação entre as mães e suas crianças, em contextos nos quais muita vez a figura materna se tornava essencial na construção da nacionalidade, pois era a principal responsável pela criação dos varões que seriam investidos dos direitos de cidadania e do poder para guiar os rumos da sociedade. A educação das mulheres e o investimento no papel de mãe a elas atribuído transformaram a separação rotineira de mães e filhos e filhas, decorrência dos negócios da escravidão, em cenas de horror, a inspirar a pena de mais de uma penca de poetas românticos e políticos abolicionistas, mas também a fundamentar ações cíveis de liberdade por parte de mães e crianças separadas pelo cativoiro. No entanto, em nova reviravolta, a dis-

seminação de ideologias racistas na Europa Ocidental e suas repercussões em sociedades em processo de emancipação escrava gradual, como a cubana e a brasileira, logo originaram noções a respeito do suposto despreparo das mães libertas para criar seus rebentos fora da vigilância e do controle das autoridades senhoriais paternalistas. A luta de mulheres escravizadas e libertas para continuar a ter consigo suas próprias crianças povoa muitas das páginas de Camillia Cowling, como uma forma de perenizar a lembrança das iniquidades e atrocidades que constituem o legado da escravidão.

Atenta às fontes históricas e suas lacunas, Camillia Cowling observa mais de uma vez que os processos cíveis que analisa, centrados na luta pela liberdade de mulheres escravizadas, pouco ou nada dizem a respeito da violência e do abuso sexual das cativas. Em contraste, esse era outro tema recorrente nos textos abolicionistas, fossem políticos ou literários. O silêncio usual das fontes judiciais no que respeita ao suposto direito senhorial à violência sexual aparece de maneira exemplar num recurso crime parcialmente reproduzido em *O Direito*, em 1884. Um senhor, em Pernambuco, era acusado de haver estuprado uma escravinha sua, de nome Honorata, de 12 anos de idade. Segundo o que consta nos autos, o senhor acabara de comprar a menina, fora buscá-la na casa do antigo proprietário e, ao voltar com ela para casa, parara na moradia de um de seus escravos, mandara que o negro saísse e se trancara lá dentro com a menina por mais de uma hora. Honorata ficou bastante machucada, queixou-se, e a situação era tão horrenda que um subdelegado local abriu inquérito contra o senhor. São muitas as idas e vindas do processo, o que não cabe aqui relatar, bastando dizer que, ao final, prevaleceu a defesa apresentada pelo proprietário estuprador. Nela, o acusado não negava o abuso cometido, porém argumentava que não cabia a intervenção pública no caso, pois o episódio relatado nos autos não constituía base para procedimento legal contra a autoridade senhorial. Nas palavras de um dos julgadores do recurso criminal: “O defloramento ou estupro, não compreendido no art. 222 do Cod. Crim., de uma escrava menor de 17 anos por seu senhor, é sem dúvida um ato contrário aos bons costumes, imoral, revoltante e digno de severa punição; no estado, porém, da nossa legislação, escapa infelizmente à sanção penal”. O luminar lembrou ainda que a Constituição do país “garantiu o direito

de propriedade em sua plenitude [...], que [a legislação] considera os escravos como artigos de propriedade, se bem entrem na ordem de semoventes, sem vontade, sem personalidade jurídica, tendo como seus únicos representantes seus próprios senhores”. Salvo em caso de homicídio ou castigos cruéis, a legislação não previa qualquer limite ao arbítrio senhorial. Por isso os processos cíveis de liberdade pouco dizem a respeito de abuso sexual, assunto que decerto constituía o pano de fundo das histórias de várias mulheres escravizadas em busca de alforria, como percebe Cowling.

Enfim, este é um livro que faltava na vasta galeria de estudos sobre a história social da escravidão brasileira. A comparação sistemática entre duas das principais sociedades escravistas do Oitocentos, focada na experiência das pessoas escravizadas, no cotidiano mesmo da opressão e das maneiras de cativas e cativos lidarem com ela, suscita novas questões e abre a possibilidade de outros estudos que tais serem concebidos e realizados.

Nota prévia

Partes desta obra foram previamente publicadas, embora com algumas modificações, como “‘As a Slave Woman and as a Mother’: Women and the Abolition of Slavery in Havana and Rio de Janeiro”, *Social History* 36, n. 3 (2011), pp. 294-311, reproduzido com a permissão de Taylor & Francis Ltd, <http://www.tandf.co.uk/journals>; “Debating Womanhood, Defining Freedom: The Abolition of Slavery in 1880s Rio de Janeiro”, *Gender and History* 22, n. 2 (agosto de 2010), pp. 284-301, © 2010 Blackwell Publishing Ltd., reproduzido com a permissão de John Wiley and Sons; e (escrito em coautoria com Celso Castilho) “Funding Freedom, Popularizing Politics: Abolitionism and Local Emancipation Funds in 1880s Brazil”, *Luso-Brazilian Review* 47, n. 1 (primavera de 2010), pp. 89-120, © 2010 Board of Regents of the University of Wisconsin, reproduzido com a permissão da University of Wisconsin Press.

